

LA INERCIA Y EL VUELO: DEL ENTUFADO-BAIANO, EL ÁGUILA Y LAS CIENCIAS

Lucineide Sousa Santos
luzsempre@hotmail.com

Renato Pereira de Figueiredo
renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

Recibido: 10/09/2018 **Aceptado:** 15/11/2018

Resumen

El presente artículo se derivó de una investigación más amplia, aprobada en el Programa de Maestría en Educación de la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía / UESB, llevada a cabo por la primera autora, con la orientación del segundo autor. El texto está escrito en primera persona, respetando la subjetividad de la autora quien, movida por voces plurales, por un sentimiento de pertenencia y por la necesidad de entrelazar Saberes de la Tradición y Saberes Científicos realizó un viaje hacia la Reserva Mata del Passarinhão, una Unidad de Conservación Ambiental perteneciente a los municipios de Macarani (BA) y Bandeira y Jordânia (MG), en Brasil, con el objetivo de encontrarse con los pájaros. Por un lado, con el Entufado-Baiano (*Merulaxis stresemanni*), pájaro críticamente amenazado de extinción que posee en cuyos más recientes registros en la Reserva Mata del Passarinhão, se reportan menos de diez ejemplares. Y por el otro, con los Saberes de la Tradición, expresión promovida por Maria da Conceição de Almeida, que combina a la perfección las experiencias únicas de quienes han aprendido a ver el mundo por su apariencia y sabiduría. En la primera sección, intitulada "¿Quién soy yo?", la autora relata la esencia así como el propósito del estudio. En la segunda sección intitulada "El entufado-baiano y los Saberes de la Tradición" retrata quién es el Entufado-Baiano, quiénes son los intelectuales de la tradición y cuáles son las perspectivas y expectativas de estos intelectuales en cuanto a este pájaro críticamente amenazado de extinción. En la tercera sección, intitulada "El entufado-baiano, el águila y las ciencias", presenta una metáfora que compara al entufado-baiano con los intelectuales de la tradición y al águila con los conocimientos científicos, asumiendo como referente el pensamiento complejo de Edgar Morin.

Palabras clave: Saberes de la Tradición; Saberes científicos; Intelectual de la Tradición; Pensamiento Complejo.

THE INERTIA AND THE FLIGHT: THE STRESEMANN'S BRISTLEFRONT, THE EAGLE AND THE SCIENCES

Abstract

This article presents in progress research approved by the Master in Teaching Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (State University of Southwest of Bahia) (UESB). Allowing me to feel the smell of the backyard where I spent my childhood and under the aegis of my essence my restless spirit rests. I make a journey that is driven by the many voices, a sense of belonging and the need to interweave knowledge of tradition with scientific knowledge. What is my destiny? The Reserve Mata do Passarinhão (Forest of the Bird). An Environmental Conservation Unit that belongs to the cities of Macarani (BA), Bandeira (MG) and Jordania (MG). What is my goal? Get in touch with birds. On the one hand, we have the Stresemann's Bristlefront (*Merulaxis stresemanni*), a bird critically endangered, which has in its last records less than ten species, in the Reserve Mata do Passarinhão. On the other hand, we have the intellectuals of tradition, a term created by Maria da Conceição Xavier de Almeida, who is perfectly associated

with the unique experiences nourished by those who have learned to see the world with their own eyes and wisdom. In the first chapter entitled “Quem sou eu?” (Who am I?), I report a little of my essence and describe my destiny, as well as the purpose of elaborating this project. The second chapter, entitled “O entufado-baiano e os intelectuais da tradição” (The Stresemann's Bristlefront and the Intellectuals of the Tradition), gives an account of who is the Stresemann's Bristlefront, who are the intellectuals of the tradition and what are the perspectives and expectations of these intellectuals about this critically endangered Bird. The third chapter, “O entufado-baiano, a águia e as ciências” (The Stresemann's Bristlefront the eagle and the sciences), presents a metaphor that compares the Stresemann's Bristlefront to the intellectuals of the tradition, as well as compares the eagle to the scientific knowledge, in this way everything is mixed with the complex thinking of Edgar Morin.

Keywords: Knowledge of Tradition; Scientific Knowledge; Intellectuals of Tradition; Complex Thinking.

A INÉRCIA E O VOO: O ENTUFADO-BAIANO, A ÁGUIA E AS CIÊNCIAS

Resumo

Este artigo foi extraído de uma investigação mais ampla, aprovada no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia / UESB, realizada pela primeira autora, com a orientação do segundo autor. O texto é escrito em primeira pessoa, respeitando a subjetividade da autora que, movida por vozes plurais, por um sentimento de pertença e a necessidade de entrelaçar saberes da tradição e saberes científicos fez uma viagem para a Reserva Mata do Passarinhão, uma Unidade de Conservação Ambiental pertencente aos municípios de Macarani (BA) e Bandeira e Jordânia (MG), no Brasil, com o objetivo de se encontrar com os pássaros. Por um lado, com o Entufado-Baiano (*Merulaxis stresemanni*), criticamente em perigo de extinção, já que nos registros mais recentes na Reserva Mata do Passarinhão foram registrados menos de dez espécimes. De outro lado, com os saberes da tradição, expressão promovida por Maria da Conceição de Almeida, que combina na perfeição as experiências singulares daqueles que aprenderam a ver o mundo pela sua aparência e sabedoria. Na primeira seção, intitulada "Quem sou eu?", a autora relata a essência, bem como o propósito do estudo. Na segunda seção, intitulada "O entufado-Baiano e os Saberes da Tradição", relata quem é o Entufado-Baiano, quem são os intelectuais da tradição e quais as perspectivas e expectativas desses intelectuais em relação a este pássaro criticamente ameaçado de extinção. Na terceira seção, intitulada "O entufado-Baiano, águia e as ciências", é apresentada uma metáfora que compara o entufado-baiano com os intelectuais da tradição, e a águia com o conhecimento científico, tendo como referência o pensamento complexo de Edgar Morin

Palabras clave: Saberes da tradição; Saberes científicos; Intelectual da Tradição; Pensamento Complexo.

Quem Sou Eu?

Uma ciência sem sujeito é o mesmo que um livro sem autor, uma casa sem alicerce, um crepúsculo sem sol, um discípulo sem mestre, um corpo sem alma. Uma matemática sem sujeito é o mesmo que um triângulo sem vértices, uma área sem extensão, uma fórmula sem símbolos. Um poeta sem alma equivale a um poema sem palavras. Um educador sem sonhos, dor, desejos, obstáculos e afetos é o mesmo que uma escultura em mármore frio fixada na solidão de um deserto. (ALMEIDA, 2017, p. 159)

A epígrafe com a qual início este trabalho é da professora Maria da Conceição Xavier de Almeida, fundadora e coordenadora do Grupo de estudos da Complexidade – GRECOM, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma apaixonada por uma “ciência aberta”, por uma “ciência plural”, por uma ciência que não se divorciará da vida, alicerçada pela religação de saberes e pela valorização à sabedoria popular. Esta epígrafe traz a importância da subjetividade, porque é nela que externamos quem somos, nossos medos, fragilidades, angústias, memórias, externamos nosso “eu”.

Precisamos ser este sujeito, reintroduzido no conhecimento, pois dele jamais tínhamos que ter sido expulsos. Há uma evidente necessidade de nos tornarmos como um catalisador, não pelo simples fato de acelerar a velocidade de uma reação química, mas por ter a propriedade de não ser consumido no processo. Externar quem somos não é a reencarnação de um admirável ícone, muito menos a psicografia de outrem, é sim a nossa víscera mais nobre, o pulsar dos sentimentos advindos verdadeiramente do coração.

Quando estudava a 8ª série, hoje 9º Ano, tive que aprender o conceito da palavra inércia. Mas nunca o esqueci. Ainda me lembro dando a lição, de que inércia é a propriedade segundo a qual nenhum corpo por si só pode alterar seu estado de movimento ou de repouso. Essa definição, permite-me associá-la à sociedade do século XXI, sociedade tácita, desigual, desumanizada, mercantilizada, que urge de uma força que sobre ela atue, mais do que isso, que a transforme. O que vejo é uma sociedade em que pessoas se olham, mas não se enxergam, se tocam, mas não se sentem, estão sozinhas, mesmo rodeadas de outras tantas, silenciam-se no silenciamento do vazio, aprisionam o diálogo.

Humanizar esta sociedade é para mim uma necessidade, não se trata de construir ou desconstruir teorias. É ir muito além. É perpassar por nossas origens, é partilhar as nossas essências, porque percebo não ser apenas suficiente evoluirmos no campo da tecnociência, dominarmos a biotecnologia, sabermos profundamente sobre os buracos negros intergalácticos ou descobriremos se realmente há vida em outros planetas. Porque há vida aqui, dentro de cada um de nós, e de nada adianta conhecermos as partículas subatômicas se olharmos para o espelho e não sabermos quem nele se reflete.

Moro em Macarani, pequena cidade do interior baiano. Sou filha de Palmiro Miguel dos Santos e Edite Marcos Sousa, analfabetos na escola e o epicentro dos melhores ensinamentos, das maiores lições que preenchem a bagagem da minha existência. Graduei-me na Universidade

Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Itapetinga, que dista 45 km do meu município. Nesta egrégia instituição cursei duas faculdades, Pedagogia, no ano 2000 e Química, em 2005. Sou professora há vinte anos. Atualmente leciono Química no Colégio Estadual São Pedro e atuo como Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Autímio Altamira Pires, ambas na minha cidade.

Emergida na necessidade de me encontrar, início este trabalho, ainda em fase de construção, e apresento o caminho que irei trilhar.

Outono de 2018.

Tic-tac, ainda bate o velho relógio de parede da casa de minha mãe.

São quatro horas da madrugada e aquele barulhinho me fez voltar ao quintal da minha infância.

Ainda estou deitada, lembrando o dia em que meu pai chegou com o relógio.

Nossa casa era um cômodo só, de chão de terra batido. Consigo sentir, nas minhas doces lembranças, o meu coração, pulsando de emoção ao ver aquele relógio. Meu pai o colocou na parede. Ele tinha uma borboletinha no ponteiro e a cada hora cantava uma música diferente.

Ficamos o dia inteiro, eu e os meus quatro irmãos esperando cada hora com muita expectativa e curiosidade.

Hoje o relógio já não canta mais. Apenas o tic-tac demarca o tempo.

As horas passam, tic-tac a tic-tac, vou lembrando a minha história.

Quase cinco horas da manhã, os tímidos raios de sol começam a invadir o telhado.

Cheirinho de café. Minha mãe sempre levantou muito cedo. Trabalhava em casa de família. Mas antes, muito cuidadosa, deixava tudo prontinho pra nós.

Já escuto a cadeira de roda de meu pai, hoje é dia de hemodiálise, que ele faz três vezes por semana na cidade vizinha.

Já são cinco horas, nem mais um minuto, porque já faz um tempinho que luto para não querer levantar.

Beijo meu filho de dois aninhos que ainda dorme.

Levanto, dou “bença” minha mãe e meu pai. Vou me arrumar.

Minha mãe agitada com a enrola de meu pai. O carro que o leva para a hemodiálise está prestes a chegar.

Sento à mesa, minha mãe me obriga a comer alguma coisa. Reluto. Não estou com fome.

Ela prepara uma farofa para mim. Irei precisar dela na viagem.

E o vai-e-vem da cadeira de rodas de meu pai continua. Minha mãe se estressa com ele, que não está nem aí pra nada. Eu começo a rir.

O carro da hemodiálise chega, empurro a cadeira de rodas de meu pai pelo quintal até o portão. Fico impressionada como sempre meu pai está animado, mesmo diante de tanta adversidade, mesmo usando uma sonda, mesmo sendo cadeirante, mesmo fazendo hemodiálise. Naquele pequeno trajeto até o portão pensei nisso tudo. Vi também os parceiros dele, os colegas que fazem hemodiálise, todos animados a fazerem brincadeiras.

O carro com os pacientes se vai. Fico um pouco na porta, seguindo com os olhos até ele desaparecer. Penso na figura de meu pai, na sua luta pela vida, no quanto nunca o vejo reclamar. Mesmo com as adversidades da vida, percebo que nele reside um espírito leve. Às vezes me pergunto onde ele encontra tudo isso.

No relógio já são cinco e vinte e cinco. Apresso-me.

Pego minha mochila, começo a colocar o que vou precisar. Encho a minha garrafinha com água. Não posso esquecer a farofa.

Cinco e trinta e quatro, pego minha moto, uma Tornado 250, velhinha, do ano de 2003, mas bem conservada. Tiro do quintal e a coloco em frente à casa de minha mãe. Essa moto é uma companheira de caminhada, desde meus tempos de faculdade.

De mochila nas costas. Dou mais um beijinho em meu filho. Despeço-me de minha mãe. Que me deseja boa sorte e pede para Deus me acompanhar. São cinco e trinta e sete.

Saio de casa. Abasteço.

É hora de partir.

Pontualmente seis horas. Deixo minha cidade. Macarani, terra boa da Bahia, cidade onde nasci e cresci.

O meu destino é percorrer 38 km de estrada de chão.

Choveu bastante nos últimos dias, mas ontem, 17 de abril, fez sol. E isso foi decisivo para escolher fazer hoje esta viagem.

18 de abril. Incrivelmente o Dia do Livro. Para mim, a terra, o chão que pisamos, é um livro de notória riqueza, que necessita ser aberto.

Mesmo tendo feito sol no dia anterior, percebo que a estrada ainda está bastante encharcada. Quanto mais avanço, mais encontro dificuldades. Ladeiras íngremes, compensadas pela beleza.

Quero aproveitar cada minuto desta viagem, vou bem devagar, afinal de contas pretendo contemplar a paisagem, até o meu destino final.

À medida que vou guiando, deixo meus pensamentos perambularem, como em um filme, volto novamente ao quintal da minha infância.

Minha mãe sempre lavava as roupas de nossa casa no rio. O rio era pertinho, íamos todos a pé, eu, ela e meus irmãos. Nossa! Era sempre o dia mais feliz de nossas vidas. Minha mãe levava farofa e suco de groselha. Lavava toda a roupa com nossa ajuda. Saíamos cedinho e só voltávamos à tardezinha com as roupas secas. Todos pretinhos de sol, cansados, alegres. Minha mãe nunca deixava transparecer que estava com problemas. Hoje é que vejo o quanto era difícil sustentar cinco filhos, mas não tínhamos nenhuma percepção disso. Fui, dentro das possibilidades da vida, uma criança feliz.

Com a leve brisa divago por minhas lembranças. A primeira vez que comi uma maçã. As figurinhas de revistas velhas que colava no caderno. As mentiras que escrevia sobre minhas férias, porque nunca viajava. O cartaz do pau-de-sebo na sala de tia Carla, na 4ª série, e meu nome lá, entre os melhores alunos.

Avisto um rio. Faço a minha primeira parada. Desço da moto. Quero chegar mais perto. Há uma pequena ladeira. Encontro pedras recheadas de lodo. Escorregadio. Faço registros fotográficos. Pego na água, gelada demais. Lavo meu rosto. Fico por ali uns instantes, a contemplar aquela calma, aquela paz de espírito.

Subo na moto, a viagem continua.

Tenho empregado muita força para não cair. Minhas pernas doem.

À frente uma queda d'água, sinto o cheirinho do mato. A natureza exalando seus perfumes. Deu uma saudade danada de minha vó, de “Minha Miga”, como todos os seus netos a chamavam, porque ela era nossa amiga do peito, quem nos defendia das surras de minha mãe, nos cobria de afeto. Saudade dos biscoitos assados no forno à lenha feito por meu vô, da nossa fogueira de São João, das roupinhas que minha vó costurava para nós, das rodas de conversa à noite, do medo das histórias que vovô e “Minha Miga” contavam sobre a “Cachorra Helena”, uma lenda de minha cidade. Mas meu pai garantia que tinha sido atacada por ela, dizia que era

metade mulher e metade cachorra, ficando assim porque tinha brigado com sua mãe e esta a excomungou. Fazia xixi na cama de tanto pavor.

Inesquecíveis momentos que marcaram de emoção as linhas do livro da minha vida.

Sigo para o meu caminho.

Vejo o rio percorrendo a sua caminhada, driblando os seus obstáculos. Vou driblando também os meus. De repente avisto algo no rio. Dou mais uma parada, faço alguns registros, observo bem e, percebo ser um balde de leite. Achei estranho. Mas continuei.

Um pouco mais à frente deparo-me com um acidente. Um caminhão do leite havia despencado dentro do rio. Há crianças e feridos com fraturas expostas. Mesmo no desespero as pessoas se ajudam. Retorno para buscar ajuda também. O socorro chega. Ao ver os baldes de leite empilhados na estrada lembrei-me daquele que descia rio abaixo. Já era o anúncio do acidente.

Depois da turbulência veio a calmaria. Por alguns instantes ficamos ali, eu e o pessoal das fazendas vizinhas, falando sobre o que ocorreu.

Tempos depois continuo o meu trajeto.

Dentre as pessoas que estavam no acidente, uma me chamou a atenção. Era um menino fardado, devia ter entre dez e onze anos. Estava indo à escola. Nada tinha acontecido com ele. Nenhum arranhão. Disse pra mim que havia pulado antes do carro bater na árvore.

Fiquei imaginando a luta daquele menino para estudar. E no quanto isso é importante. É na luta que damos valor às conquistas. E foi com muita luta que meus pais sempre nos incentivaram. Desde pequena, sempre via na educação uma forma de me ajudar e de ajudar minha família a ter uma vida melhor. Nunca quis muito, queria apenas o essencial, o básico, o suficiente. À medida que percorria aquele caminho fiquei pensando nisso.

A estrada piora. Cada vez mais sinto tocando as nuvens. O lugar é alto.

Pessoas a cavalo aparecem agora com maior frequência.

Galopo também por meus pensamentos.

Ao descrever este percurso que interliga as minhas lembranças com o meu destino final, emerge em mim laços afetivos que estavam adormecidos.

O cheiro da terra batida da estrada remonta momentos de minha história, que me fizeram sorrir e chorar, são sabores, cheiros e sentimentos, viagens que fiz para dentro de mim mesma.

As paisagens desta viagem refletem a exuberância da natureza.

A união de uma molécula de água que se soma a outras tantas, a junção de uma folha da árvore que se soma a outras tantas. É saber que aquele rio não seria o mesmo se lhe faltasse uma gota. Que aquela floresta não seria a mesma se lhe faltasse uma folha.

Faço uma pausa. Estou com fome. Hora do lanche. A farofinha da minha mãe foi providencial. Olho o relógio, dez e trinta e três. O acidente atrasou a minha viagem. Fico ali, parada por quase vinte minutos, recuperando a energia e sentindo o ar puro invadindo meus pulmões. Como é bom se esvaziar, esquecer tudo, que temos problemas, preocupações. Isso é um privilégio de poucos. Que o abrupto mundo mercantilizado não nos permite vivenciar.

Hora de continuar. Falta pouco.

Na estrada, ainda muitos trechos sinuosos, outros escorregadios.

Avisto uma placa, a seta indica o meu caminho.

Mais uma vez sinto tocar as nuvens. O trecho é estreito, um filete de estrada. Os mais variados tons de verde saltam aos meus olhos.

De cima avisto o meu ponto de chegada.

Chego ao meu destino final. Onze e vinte e três.

O meu destino? Reserva Mata do Passarinho.

O meu objetivo? Encontrar-me com pássaros.

A partir do meu destino e do meu objetivo em encontrar-me com pássaros, trago neste artigo algumas ideias que estão a nortear a construção deste trabalho e, além do primeiro capítulo que apresenta Quem Sou Eu? proponho mais dois. O segundo que retrata O Entufado-Baiano e Os Intelectuais da Tradição, e o terceiro que traz uma metáfora entre o Entufado-Baiano, A Águia e as Ciências.

O Entufado-Baiano e Os Intelectuais da Tradição

Antes de apresentar quem é o entufado-baiano, gostaria de retratar primeiramente o seu hábitat. Reserva Mata do Passarinho. O meu encantamento por este destino. Fiquei sabendo da reserva quando vi um panfleto na escola em que trabalho, no ano de 2015. Um colega biólogo propôs levarmos os alunos para conhecerem. E assim tivemos o nosso primeiro encontro. Depois disso, já era nosso roteiro de viagem com nossas turmas. Mas senti que faltava algo e quando parei para perceber que essa reserva fazia parte também do meu município e que ainda é desconhecida, inclusive pelos próprios moradores, submeti-me à seleção do Mestrado em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia com um projeto que falava da Reserva

Mata do Passarinho e de uma proposta ao ensino de Ciências que fosse significativa e instigante. A partir desta oportunidade, estou a escrever o meu caminho, trazendo momentos que preenchem as minhas lembranças de significado e o meu encontro com pássaros.

A Reserva Mata do Passarinho trata-se de uma Unidade de Conservação Ambiental pertencente aos municípios de Bandeira e Jordânia (MG) e Macarani (BA). Criada pela Fundação Biodiversitas com recursos da *American Bird Conservancy*, uma ong americana que apoia projetos contra aves ameaçadas de extinção nas Américas, a Reserva carrega a missão de servir como um centro de difusão de educação, serviços e tecnologias ambientais. Propõe-se a promover a educação socioambiental para a comunidade escolar e os gestores e lideranças públicas, embutindo valores conservacionistas, despertando os olhares para as belezas únicas da região e promovendo oportunidades para o desenvolvimento sustentável.

Um pedaço da reserva está no meu município. Moléculas de água brotam de suas terras, que somadas a tantas outras desembocam nos rios da minha região. As florestas se recompõem e árvore a árvore constituem a reserva. Assim, gota a gota, folha a folha, espécies encontram refúgio e a vida sobrevive. Último refúgio do entufado-baiano, pássaro endêmico da mata atlântica e expressão de luta pela sobrevivência. Desta forma, pude ver e perceber que eu me identifico com este espaço, mais ainda, que eu me identifico com a natureza e que eu me incomodo com o grande distanciamento dos meios escolares dessa “ciência aberta” (ALMEIDA, 2017) que tem o poder de protagonizar mudanças de atitudes e valores, diminuindo o hiato que separa a sabedoria popular dos conhecimentos científicos.

Destarte, neste capítulo externo o meu objetivo. Estou em busca de pássaros. Por um lado, o entufado-baiano, que tem tido os seus últimos registros na Reserva Mata do Passarinho, por outro lado, os celeiros de sabedoria, os eternos mestres da natureza, os intelectuais da tradição. O meu aporte teórico repousa nas leituras de Maria da Conceição Xavier de Almeida. Iluminada pelo pó das estrelas celestes, Almeida (2017) nos apresenta os *Saberes da Tradição*, conferindo o cognome *intelectual da tradição* às vozes convergentes e divergentes, singulares e plurais, que não se encontram impressas nos livros escolares. Vozes que ecoam da sensibilidade e da sabedoria, que tocam profundamente os sentimentos daqueles que acreditam no poder transformador do encantamento das palavras sábias dos que aprenderam a enxergar o mundo a partir dos seus olhares. Como em uma reação exotérmica, que libera calor durante uma

reação química, os meus pensamentos entram em ebulição, alimentados pelas sábias palavras desta autora.

A sabedoria é como um lodo que mantém viva uma lagoa; é o que sobrevive em meio à superpopulação das ideias, dos conceitos, das informações. Quando dizemos que ‘somos um dos fios da teia da vida’, quando assumimos para nós próprios a ideia de que a vida é uma teia, estamos anunciando e vivendo uma sabedoria, porque as teorias podem mudar, informações novas podem aparecer, mas apesar dessas mudanças podemos continuar dizendo ‘a vida é uma teia de muitos fios e nós somos um desses fios’. O conhecimento se transforma, porém, a sabedoria fica porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo. (ALMEIDA, 2017, p. 70).

Apresentar o entufado-baiano, este pássaro criticamente ameaçado de extinção, por intermédio dos intelectuais da tradição a partir de suas expectativas e perspectivas é um grande desafio. Nestes tesouros de sabedoria residem pedras preciosas, que com certeza me permitirão compreender a riqueza de seres humanos tecidas pelo ecoar de suas palavras. Movida pelas vozes plurais da sabedoria e sendo tocada profundamente por um sentimento de pertencimento, tatuarei por estas páginas experiências únicas, mas as lembranças mais nobres estarão estigmatizadas na minha vida.

O Entufado-Baiano, a Águia e as Ciências

O terceiro capítulo é uma metáfora. Escolhi retratar as diferenças que existem entre o entufado-baiano e a águia, para elucidar o distanciamento que há entre os saberes científicos e os saberes da tradição, bem como a importância que tem cada um destes saberes e a urgente necessidade de interseccioná-los.

Segundo Damasceno (2011), o entufado-baiano (cujo nome científico é *Merulaxis stresemanni*) mede cerca de 20 cm. O macho e a fêmea são diferentes, sendo que o macho tem plumagem preta e a fêmea tem dorso marrom-escuro e tons castanho-avermelhados no peito e no ventre, ambos apresentam um tufo de penas na base superior do bico, daí o nome entufado, o baiano vem de sua ocorrência ter sido primeiramente dada na Bahia. A espécie vive no solo ou próximo dele, na vegetação rasteira e na serapilheira onde procura por insetos e outros pequenos invertebrados, realiza voos curtos e baixos, fica na parte escura da mata, sempre junto ao chão, saltitando. É observado, mais frequentemente, solitário. Costuma responder à imitação da sua vocalização, aproximando-se do observador. Trata-se de uma espécie classificada como Criticamente em Perigo, são menos de dez registros na natureza.

Comparo o entufado-baiano aos intelectuais da tradição, pessoas que transmitem através do eco de suas vozes um marco de leitura e interpretação do mundo, são aqueles que mesmo não tendo acesso ao conhecimento formal, elaboram suas próprias matizes para a resolução de problemas e para a compreensão do mundo à sua volta, são pessoas que distinguem pela maneira de observar os fenômenos com mais atenção e por criar métodos específicos para conhecê-los, decifrá-los, explicá-los.

Por que comparar os intelectuais da tradição ao entufado-baiano? Por um detalhe peculiar nos hábitos deste pássaro. Sempre estão saltitando junto ao chão. Assim são os intelectuais da tradição, pessoas que têm os pés no chão, que conhecem a natureza, leem e interpretam os fenômenos, têm sabedoria. Residem em seu ser simplicidade e humildade. Demonstram o que sabem de forma natural e espontânea, além de muita sapiência. Os saberes da tradição expressam uma dinâmica do pensamento. Tais saberes definem-se para Almeida (2017) como um compasso, e não como uma régua, pois não há linearidade, regularidade, simetria e exatidão, mas um pensamento que pressupõe esta circularidade. “Se a régua é para a reta e o compasso para o círculo, da mestiçagem desses instrumentos poderá, metaforicamente, nascer uma nova organização dos conhecimentos e das culturas” (ALMEIDA, 2017, p. 130).

Já a águia é imponente, domina os céus. No seu livro “A águia e a galinha”, Boff (1997) descreve muito bem as destrezas de uma águia. Está sempre a querer o alto, desde a construção dos seus ninhos. Voraz, comete um aguçido, e assim, só um dos dois filhotes sobrevive, o mais velho, que bica o irmão até matá-lo. Seus olhos são tudo, seu olhar penetrante vê oito vezes mais que o olho humano. Podemos compará-la com os saberes científicos. São os conhecimentos que dominam, que apresentam veracidade, que comprovam, que medem, que quantificam, enfim, que prevalecem.

Para entrelaçar o entufado-baiano e a águia trago o pensamento complexo de Edgar Morin, ou seja, para fazer uma intersecção entre saberes da tradição e saberes científicos faço uso do pensamento complexo.

Morin (2003) vai chamar de pensamento complexo o que nunca reflete com um pensamento completo, pois se trata de um pensamento articulante e multidimensional, colocando entre parênteses o cartesianismo, as certezas, não desprezando o simples, mas criticando a simplificação. Ou seja, um pensamento simplificado e reducionista não gesta aprendizagem, só acúmulo de informações, ao contrário, um pensamento complexo postula a

dialógica, a recursividade, a hologramaticidade, não se fecha em si mesmo, mas aspira a um conhecimento multidimensional, traduz-se no “conhece-te a ti mesmo conhecendo” (MORIN, p. 55, 2003).

O conhecimento do conhecimento (Morin, 2006) emerge na reforma do pensamento. Há, então, a proposta moriniana para uma cabeça bem-feita e não bem-cheia, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, a científica e a humanística, para que possa responder à demanda social dos formidáveis desafios complexos e globais. “Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura”. (Morin, 2010, p. 37).

Morin ainda nos presenteia com as suas reflexões acerca do ele denominou de *Pensamento do Sul*, que não se trata de uma questão meramente geográfica, porém de uma comparação e corporificação simbólica e metafórica a um Norte. Norte este desenvolvido, capacitado, explorador, dominador da técnica, da economia, do cálculo, enfim, puramente racional e que para se manter como núcleo dominante precisa ignorar o Sul. Este Sul é o reflexo do atraso, da anticivilização, do antiprogresso, da falta de perspectiva de crescimento e de evolução.

Morin ainda nos presenteia com as suas reflexões acerca do ele denominou de *Pensamento do Sul*, que não se trata de uma questão meramente geográfica, porém de uma comparação e corporificação simbólica e metafórica a um Norte. Norte este desenvolvido, capacitado, explorador, dominador da técnica, da economia, do cálculo, enfim, puramente racional e que para se manter como núcleo dominante precisa ignorar o Sul. Este Sul é o reflexo do atraso, da anticivilização, do antiprogresso, da falta de perspectiva de crescimento e de evolução.

Bezerra (2015) nos convida a refletir acerca das ilhas de resistência, a quem ele estabelece uma dialogia profícua com a ideia de *Pensamento do Sul* moriniana. É na rica fonte de Edgar Morin que se personifica as ilhas de resistência, mais precisamente a partir do que Morin vai conceituar como “*Sul*”.

Assim, estas ilhas de resistência dizem respeito dizem respeito a todos aqueles que, na humildade e simplicidade de seu viver, trazem em seu bojo riquezas incalculáveis de aprendizados múltiplos oriundos da mestra natureza, e ainda resistem, mesmo

inconscientemente, a deixar de ser o que são, o que prezam, como vivem e como respeitam a razão da existência.

À educação compete abrir as portas para um diálogo permanente entre essas ilhas de resistência e os saberes científicos, buscando uma essência que seja capaz de estabelecer uma conexão entre ciência e tradição. Como afirma Bezerra (2015), é urgente superar esta fragmentação abrindo-se às lições não científicas, as quais podem ser consideradas como uma forma válida de ler mundo, permitindo e fomentando a complementaridade entre esses saberes e os conhecimentos da educação formal.

A sistematização destes conhecimentos por estes intelectuais da tradição converge-se em ciência. Isto é ciência! Ciência própria, validada por suas percepções, construídas por suas manipulações, edificadas por suas sabedorias. Não podem e nem devem ser destruídas, mas transformadas, como em uma reação química, em que reagentes a partir da energia de colisões das moléculas formam seus produtos, mas cada átomo não deixa de existir, rearranja-se, continuando ali, mesmo na fórmula de uma nova substância. Assim deveria ser a intersecção entre saberes científico e cultural, combinados a partir de uma energia cinética de colisões intencionais, reagir-se-iam, tendo afinidades químicas suficientes para produzirem a mágica da existência.

À instituição escola fica o desafio e o poder de escolha: ou serem gaiolas, ou serem asas, como perfeitamente elucidou Rubem Alves (2002, p. 22).

O pássaro que não acredita no seu próprio voo nunca conhecerá a beleza do infinito. É acreditando em uma ciência que voa, que descortina o mundo e que se abre para um conhecimento verdadeiramente significativo, que rompa com a inércia, valorize a cultura e sabedoria popular, alargue horizontes pedagógicos, que ainda possa ser possível nos enxergarmos frente ao espelho, reconhecendo a nossa existência e o valor que reside em nossa essência.

Como em um mar de incertezas e em um céu de desafios, que inauguremos um verdadeiro intercâmbio entre os saberes diversos, distintos e múltiplos, norteados por um pensamento dialógico com a natureza, a partir da intersecção entre os saberes científicos e os saberes dos intelectuais da tradição. Aos espaços escolares, a subida íngreme continua, contornando como um rio os seus obstáculos, para quiçá, contemplarmos o ápice e abrirmos as nossas gaiolas, uma “esperança na desesperança” (Morin, 2003), deixando voar o entufado-

baiano que vive e quer viver em cada um de nós, saindo da inércia que nos aniquila para um voo que transforma e transcende.

Aos espaços escolares que valorizem tanto a águia quanto o entufado-baiano, tanto os conhecimentos científicos quanto os saberes da tradição. A escola pode instaurar esta abertura, propiciar o diálogo com os saberes da tradição. Quantos aprendizados poderiam ser ministrados, propugnando o descortinar de uma nova forma de ensinar e de aprender. A ciência necessita estabelecer um elo com a vida, edificando construções que não morrerão jamais.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. 2. Ed. Ampl. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas – SP: Papyrus, 2002.
- BEZERRA, Juliano César Petrovich. *Ilhas de resistência: conversas entre mestres e aprendiz*. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha, a metáfora da condição humana*. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- DAMASCENO, Sueli Souza. *Distribuição, biologia e estimativa populacional do entufado-baiano (Merulaxis stresemanni) (Passeriformes, Rhinocryptidae), uma espécie criticamente em perigo de extinção da Mata Atlântica*. [Dissertação de Mestrado em Ecologia]. Universidade Federal de Ouro Preto, 2011.
- MORIN, Edgar (2017). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 23 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 2 ed. rev. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- MORIN, Edgar. *Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin*. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org/eventos/ANAIS-Para-Um-Pensamento-do-Sul-Marco2011.pdf>. Acesso em: 12/05/2018.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger e MOTTA, Raúl Domingo (2003). *Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Trad. Sérgio Pereire. São Paulo: Instituto Piaget.

Autores:

Lucineide Sousa Santos
luzsempre@hotmail.com

Licenciada em Pedagogia (2005), Licenciada em Química (2010).

Renato Pereira de Figueiredo

renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009)